

## A IBERO-AMÉRICA EM MUDANÇA

Por Mário Soares

A Ibero-América é um sub-continente em acelerada mudança. Os portugueses que seguiram, com atenção, a Cimeira Ibero-Americana, realizada recentemente em Lisboa, tiveram concerteza a consciência disso.

Diga-se que a Cimeira não foi um sucesso sem ser, também, um fracasso. Faltaram oito Chefes de Estado em vinte e dois, o que é considerável. E o Presidente Lula, nosso irmão, na Ibero-América, saiu a bater com a porta. O que, para nós, portugueses, é muito desagradável. Tanto mais que tinha razão. Não gostou que se levasse à Cimeira o caso das Honduras porque, como disse, "um golpe de Estado militar é sempre um golpe de Estado e, em democracia, não se deve transigir com isso". Lula, por experiência própria, sabe do que fala.

A Ibero-América durante grande parte do século passado foi o "páteo interior" da América do Norte. Teve demasiados golpes de Estado e ditadores, pilotados ou não, pelos "boys", treinados ou não na Escola de Chicago, para poder agora esquecer-se deles...

A partir dos anos oitenta, por influência da Revolução dos Cravos, em Portugal, e da "transição democrática", em Espanha, que os ibero-americanos viveram com paixão, a Ibero-América começou a fazer, com êxito, as suas "transições", de ditaduras militares para democracias. A América do Norte, então, uma democracia plutocrática, dita liberal, nos anos de Nixon, Reagan e Bush, compreendeu que as "transições democráticas" talvez não fossem piores do que as ditaduras, antes pelo contrário, se pudessem continuar a abrir-se aos fluxos comerciais e aos interesses americanos. O que nem sempre foi o caso, com certos ditadores nacionalistas. Foi o que aconteceu, mais ou menos, a partir do célebre consenso de Washington.

Mas o Mundo mudou depois do colapso do universo comunista. A América do Norte convenceu-se que os Estados Unidos eram os donos do Mundo e a hiperpotência mundial por excelência. Tanto no plano económico-financeiro e tecnológico como do poderio militar, sem paralelo no Mundo.

O 11 de Setembro de 2001, contudo, mostrou a vulnerabilidade da grande América. O terrorismo islâmico afirmou-se em força. E a resposta de Bush foi a pior de todas, como tive muitas ocasiões de escrever: fez a guerra ao Afeganistão e ao Iraque, envolveu nelas o Paquistão e o Irão e pior: o islamismo, como religião. Um erro fatal.

Curiosamente, o mundo voltou a mudar, com a grande crise global do capitalismo financeiro-especulativo, que alguns pensam que já passou, imaginando que tudo ficará na mesma mas, quanto a mim, enganam-se. O pior está para vir, infelizmente.

Durante os últimos anos, até ao advento de Barak Obama, os Estados Unidos e Bush não tiveram tempo de olhar para os vizinhos do sul, talvez com a excepção do México. E os países da América Central e do Sul voltaram a mudar, alguns de forma radical, mas sempre democrática. Como a Nicarágua, o Equador, a Venezuela, a Bolívia, o Paraguai e, ultimamente, o Uruguai.

O Brasil tornou-se um país emergente e uma grande potência global. O Chile está equilibrado, numa linha de aprofundamento democrático. A Argentina com problemas. Como outros.

Obama mostrou ter uma política diferente de Bush e original para a Ibero-América. Estendeu a mão a Cuba, mas ainda sem conclusões. E enquanto não acabar com o bloqueio, as mudanças ficarão em suspenso. Entretanto, as bases militares americanas na Colômbia não são um bom sinal nem, menos ainda, as manobras marítimas no Atlântico Sul...

Valha-nos o Brasil, que nos tem dado muitas alegrias...